

Trens da memória

Marcos Lobato Martins

Eu tenho uma dívida enorme com meu passado: nunca escrevi sobre trens. Logo eu, filho de funcionário de estrada de ferro que tinha com locomotivas, vagões, trilhos e dormentes uma relação de completa intimidade. Meu pai sabia os nomes das peças, das manobras, dos ramais, dos fabricantes. Conhecia cada quilômetro da linha da Central do Brasil de Belo Horizonte a Monte Azul, estação perdida na divisa com a Bahia. Ainda garoto, entre os dez e os quatorze anos, pude acompanhá-lo em viagens ferroviárias de inspeção, realizadas no trecho entre General Carneiro e Corinto. Os trens são parte de minha vida, embora eu seja um passageiro eventual dos caminhos de ferro.

A bem da verdade, meu primeiro trem foi também meu único trem. A família inteira foi a Belo Horizonte, de ônibus, e retornou de trem para Pedro Leopoldo. Embarcamos na Estação Central em vagão da primeira classe. Logo descobrimos o carro-restaurant e lá, entre guaranás e sanduíches de queijo e mortadela, fizemos a curta viagem. Filhos do engenheiro residente tratados como príncipes pelo olhar prestativo e vigilante do chefe do trem. Locomotiva a diesel, veloz e possante. O barulho característico – tatak-tatak –, as paisagens sucedendo-se na janela: o rio das Velhas, Capitão Eduardo, Nova Granja, uma roça aqui, uma casinha branca lá... Com pouco mais de dez anos, pela janela do trem eu olhava Minas Gerais: capiaus, fazendas, vilarejos, morros, fumaça. Essa imagem infantil ainda é a imagem que guardo de Minas.

Depois vieram inúmeras viagens no “carrinho-de-linha”, um pequeno veículo usado para fazer a vistoria das condições da estrada e das obras ferroviárias. Dentro dele, viajavam Noni, o condutor do carro, meu pai, eu, meu irmão e mestres-de-linha responsáveis por trechos específicos da estrada. De vez em quando, um maquinista, agente de estação ou trabalhador da “conserva” pegava uma carona. Sacolejando, o carrinho-de-linha rasgava o cerrado. De tempos em tempos, paradas para refrigerantes, lombinhos, franguinhos e doces. A cozinha mineira é insuperável! Mas também havia longas esperas, nos desvios de estações perdidas no meio do mato, por causa dos trens de carga ou de passageiros que tinham prioridade na linha. Essas esperas só não eram

exasperantes quando ocorriam em Cordisburgo ou Silva Xavier, localidades míticas da geografia mineira guardada em meu espírito.

As idas e vindas no carrinho-de-linha, a partir da estação de Pedro Leopoldo, me revelaram a beleza agreste e diversificada de Minas Gerais. Eu nunca pegava no sono para não perder a paisagem. Porém, os olhos mantidos abertos enxergaram a face horrível da miséria da gente mineira, que vivia espalhada pelo sertão. Conheci trabalhadores envelhecidos, pais de família que mal desenhavam seus nomes nos recibos de pagamento que o carrinho-de-linha distribuía. As mulheres e os filhos desses trabalhadores, de pé na beira da estrada, diante de casas escuras e sem qualquer conforto, possuíam o olhar perdido de quem não guarda esperanças no futuro. Olhavam para a gente como se fôramos feitos de outra natureza. Resignavam-se ao verem passar o engenheiro e seus filhos. Nunca vivi experiência tão constrangedora e dilacerante quanto essa. Aqueles olhares faziam brotar uma vontade danada de chorar, mas menino não chora...

Desconfio que toda explicação sobre o ativismo social dos sindicatos de ferroviários, parte importante da vanguarda operária nos últimos duzentos anos, deve levar em conta a generalidade desse tipo de experiência entre os técnicos, maquinistas e agentes de estação das ferrovias nos países ocidentais. Mas, voltando às minhas lembranças, os trens da minha memória não são signos de romantismo. Meus trens de estimação têm vagões repletos de mal-estar, de rancores, de sentimentos de impotência e de dor torturante. Retrospectivamente, acho que esses trens fizeram de mim um capiau que tem pavor dos “trens de baiano”, que tem sede de justiça e igualdade. Meus trens me afastaram da engenharia e me lançaram nos braços das ciências sociais, contrariando o desejo de meu pai.

Jornal da Semana, março de 1998.